

Estudo comparativo das criadas em Molière e Machado

ELOIZE LEMOS DAVID LUIZ*

Resumo: O propósito deste trabalho é abordar a interlocução das criadas: Nieta e Mrs. Oswald nas obras de Molière e de Machado de Assis, as quais à luz da teoria literária apresentam similaridades e diferenças, quanto as suas ações nos textos ficcionais e que ao longo das narrativas desfrutam da liberdade dentro das respectivas casas, manipulando as personagens, para alcançarem seus ideais e principalmente preservarem o bem estar de seus patrões. Embora, Nieta na peça teatral: *O doente imaginário* seja uma bufona e Mrs. Oswald no romance: *A mão e a luva* desempenhe o papel de preceptora, ambas as obras têm como eixo temático o casamento por interesses e de uma forma direta ou indireta as duas serviçais contribuem para que as moças se casem com os noivos, os quais elas escolheram, contrariando as regras sociais vigentes daquelas épocas, isto graças às atuações das criadas.

Palavras-chave: criadas; bufona; preceptora; Molière; Machado de Assis.

Comparative studies about maids in Molière and Machado

Abstract: The purpose of this work is to address the dialogue from the maids: Nieta and Mrs. Oswald in the works of Molière and Machado de Assis, which in the light of literary theory have similarities and differences, as their actions in fictional texts and over narratives enjoy freedom within their homes, manipulating the characters to achieve their ideals and mostly preserve the well being of their bosses. Although Nieta in the play: *Le malade imaginaire* is one jester and Mrs. Oswald in the novel: *A mão e a luva* to play the role of governess, both works have as main theme for the wedding from interests and by direct or indirect way the two servants contribute to marry girls with husbands, whom they chose, contrarying the current social rules of those centuries, that thanks to the performances of the maids.

Key words: maids; jester; governess; Molière; Machado de Assis.



* **ELOIZE LEMOS DAVID LUIZ** é graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia; é professora Peb 4 Inglês e Português da Escola Estadual Josias Pinto.

1. Introdução

Este artigo tem como proposta analisar as personagens criadas nas obras de Molière – **O doente imaginário**, sec. XVII – e Machado de Assis – **A Mão e a luva**, século XIX. Ambas as obras ficcionais têm como eixo temático os casamentos arranjados entre famílias de interesses econômicos parecidos.

No entanto, a primeira obra, que é uma peça teatral do classicismo, pretende principalmente revelar a sociedade médica em ascensão, em que o protagonista hipocondríaco tem conflitos sérios e constantes com sua criada, Nieta, a qual insiste em mostrar ao patrão sua ignorância em usar recursos da medicina com tanta frequência e no final da narrativa o induz a tornar-se médico por ter adquirido saberes através de tantas experiências.

O romance machadiano descreve a protagonista Guiomar, que também é intolerante com a criada da casa, Mrs. Oswald. Esta última pretende ficar exclusivamente como acompanhante da baronesa (madrinha de Guiomar) e, para isso, insiste exaustivamente com a jovem para que se case com o sobrinho da patroa e, através desse casamento, viabilize sua pretensão de se tornar embaixatriz.

Todavia, as duas criadas, apesar de serem conscientes de estarem subordinadas em relação aos patrões, usam a ironia e criativamente desenvolvem planos mirabolantes para conseguirem seus intentos. Porém, de forma direta ou indireta, as noivas das



duas narrativas casam com seus pretendentes por escolhas próprias, contrariando as convenções sociais das épocas.

A peça teatral, na qual a criada Nieta é uma autêntica bufona e tem um vocabulário

bastante distenso e de comportamento descontraído, aceita as grosserias do patrão, mas preocupa-se demasiadamente com sua doença imaginária, inclusive com os “charlatões” como a própria esposa, que extorquem seu dinheiro e traem sua confiança. Ela inclusive é incansável em proteger a filha mais velha do patrão, que sofre por ter de se casar com um jovem médico, sendo que ama incondicionalmente outro.

Já no romance, a criada é caracterizada como uma preceptora, que, embora sendo muito polida em suas palavras e com uma postura bastante cuidadosa e culta, vê a afilhada de sua patroa como uma ameaça aos seus interesses de ser a companheira exclusiva da baronesa, desta forma, arma para que Guiomar case com o seu sobrinho. Mas aquela é atraída pela ambição de Luís Alves, o qual vê na beleza e atitudes da moça um par ideal para seus anseios futuros.

Os dois textos abordados são irreverentes e ultrapassam valores sociais e culturais dos seus tempos. Coincidentemente, os autores usam as criadas, que transitam livremente nas casas, tendo uma visão geral dos fatos, bem como liberdade para tratar com os demais personagens sem serem antagonistas e nem cometendo atos violentos. Simplesmente dão vazão às

suas pretensões através de manipulações intrínsecas nos diálogos.

Por tamanho interesse nas personagens, que autenticamente desempenham com perspicácia e até de forma cômica seus intentos não deixando de serem femininas. Esta análise privilegia o arquétipo de criadas domésticas que têm perfis distintos, mas se desdobram para perpetuarem as convenções sociais e principalmente para contribuírem com o bem-estar e a tranquilidade de seus padrões.

As duas obras serão analisadas sucintamente neste trabalho, procurando enfatizar trechos ou expressões que contenham exemplos que devem esclarecer as similaridades ou as diferenças nas falas das personagens Nieta e Mrs. Oswald, as quais são criadas domésticas e figuras integrantes importantíssimas nos enredos dos livros já citados. Neste caminho para verificar o teor literário no comportamento de ambas as personagens, que revelam a importância histórica e a grandeza dos seus autores, Molière e Machado de Assis, os quais conceberam suas obras em contextos distantes diacronicamente, mas que possibilitam para o projeto comparações muito interessantes, alguns estudos como os de Bakhtin, Julia Kristeva, Roger Chartier e Marisa Lajolo, darão suporte teórico ao longo da análise proposta.

2. A Bufona: funções da boba na peça teatral de Molière

Nieta é a personagem que representa o caráter satírico e dentro da peça de Molière é autenticamente a bufona ou a graciosa. Ela, diferente dos outros personagens em: Rabelais, Gil Vicente, Cervantes e Antonio José da Silva é um exemplar do bobo na versão feminina,

que reproduz espontaneamente na fala a cultura popular e ao mesmo tempo consegue ver além, fazendo destruir uma estrutura oficial.

Assim a bufona remete ao gênio Rabelais, o qual foi objeto de estudo de Bakhtin, revelador de uma cultura advinda das festas populares ou da carnavalização, onde foge dos padrões gramaticais da língua e, nesta obra, abole as relações hierárquicas, representando à forma linguística popular, onde o carnaval:

.... em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar. (BAKHTIN, 1993, p. 9).

A personagem, através da linguagem popular, mas de forma verdadeira, tenta persuadir o patrão, embora sem pretensão de ascensão social, apenas para tirá-lo da condição de explorado pelos médicos aproveitadores. Ela cria sabiamente uma relação de submissão, na qual, além da comicidade, tem uma grande carga de ironia.

...esse contrato livre e familiar, que era vivido intensamente e constituía a uma parte essencial da visão carnavalesca do mundo. O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida, que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. (BAKHTIN, 1993, p. 9).

Nieta age sutilmente e na sua naturalidade consegue atrair e conquistar todos da casa. Até mesmo

sendo irônica com a sua patroa, tem o firme propósito de conservar sua permanência naquele lugar e fazer com que seu patrão enxergue os abusos e falsidades que o rodeiam. É notável que o tratamento cordial e também acadêmico das outras personagens mascarem as suas verdadeiras pretensões. Assim, a criada é uma espécie de anti-heroína, ou seja, nas ações e na fala revela “a importância do tom jocoso; a galhofa não é só essencial para a sobrevivência e a sanidade mental; é uma poderosa arma de subversão” (BROMBERT, 2001, p. 111).

No entanto, a peça teatral **O doente imaginário** de Molière é, segundo Julia Kristeva (1974, p. 83), uma Menipéia, que “é simultaneamente cômica [...] e, sobretudo séria, no sentido em que o é o carnaval [...] orienta a linguagem como uma espécie de jornalismo político da época”. O gênero comédia, mais veiculado ao público popular, denunciava alguns abusos sociais, mas de forma anódina. A bufona, sem apresentar nenhuma deformação, como Gargantua em Rabelais, porém representante da cultura popular e de espírito prático e submisso, cria meios para mostrar as verdadeiras intenções daqueles que são membros da alta sociedade. Mas, ao contrário destes falsos amigos, é uma obstinada companheira: “[...] uma vez que não se comporta, dentro dos padrões moral a que seu senhor está submetido, funciona como a consciência crítica deste [...]” (PEREIRA, 1985. p. 33) e sabiamente faz com que Argan, o patrão, desmascare os traidores e ela continue na casa para preservar a harmonia e garantir sempre a verdade.

3. A preceptora: a mentora intelectual no romance machadiano

Mrs. Oswald, a preceptora, que integra o romance **A mão e a luva** de Machado de Assis, é uma espécie de governanta com um alto nível cultural, que veio para o Brasil, viúva, britânica, de meia-idade e muito formal no trato com as pessoas, mas sagaz e bastante incomodada com a vinda da afilhada para casa, em que antes ela reinava absoluta ao lado da baronesa, também viúva, desolada pela perda da única filha.

A presença da inglesa dava status à família e servia para a baronesa como uma dama de companhia; já para a jovem Guiomar, era uma referência de etiqueta social e também para dar-lhe conselhos. Era naquela casa um parâmetro cultural, contudo ela conservava sua segurança social e econômica e, para isso, governava a si própria, sufocando sua identidade.

Gualda, em seu estudo, mostra nitidamente o comportamento que Mrs. Oswald desempenha na obra.

...a preceptora é engendrada a partir de uma ideia concomitante de anjo e monstro, carregando dentro de si as duas faces da mulher, as duas motivações do ser humano: a do Bem e a do Mal, a da Virtude e a do Pecado. (GUALDA, 2007. p. 49).

E Machado de Assis criou a personagem com dupla personalidade, tendo como referência uma figura eurocêntrica no processo histórico do realismo brasileiro, sendo um arquétipo de criada doméstica, que era próprio das mulheres bem instruídas e de nacionalidade estrangeira, as quais eram dignas de perpetuar os valores vitorianos dos lares feudais.

Na Inglaterra do século XIX, mais precisamente no período Vitoriano, o progresso das ciências e a sofisticação da técnica, com reflexos em todas as camadas sociais, criaram um ambiente próprio para o surgimento de um tipo feminino cujo perfil se pode nitidamente traçar [...] suscitou a necessidade de se buscar um ponto entre o público e o privado, uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base, naturalmente era o lar, e como seu representante elegeu-se também com as qualidades de guardião do moral e da castidade. A exigência de um anjo do lar fez nascer à mulher vitoriana... A mulher com este perfil delineado tinha todo o apoio da rainha Vitória [...]. (MONTEIRO, 2002).

No entanto, apesar de revelar uma escolha pertencente à literatura inglesa e apegado à realidade do século dezenove, mas de um contexto bem distante na representação eurocêntrica. O autor escolheu um ambiente atípico, no qual todas as personagens do sexo feminino, embora representantes da classe privilegiada, como tal recebiam para as festas e desfrutavam de um ciclo de amizades sofisticado. Mrs. Oswald era respeitada, todavia acatava sua posição submissa, embora tivesse planos de se tornar futuramente uma embaixatriz.

Desta forma, a bondade na personagem se limitava a continuar sendo a companheira da baronesa e, nos seus planos secretos e bastante sagazes, elaborava formas para afastar a afilhada daquela casa.

Entretanto, a protagonista neste romance, Guiomar, mesmo sendo muito jovem e de origem humilde, tinha o

propósito de ter um marido com títulos e, nisto, a inteligência e a ambição de Luís Alves despertou sua admiração.

A criada, Mrs. Oswald, sentindo-se ameaçada nos seus propósitos de conseguir que Sérgio, o sobrinho da baronesa casasse com a moça e também se afastasse daquela casa, tenta por várias vezes lembrar Guiomar do seu compromisso em agradar sua madrinha e casar-se conforme o costume da época. Então, a inglesa como governanta, serviçal dedicada e interesseira, pensa dominar o jogo convencional onde “a mulher está sujeita a um sistema moral, de que ela participa de forma passiva, na medida em que é repetidora de um discurso do qual não é sujeito.” (GUALDA, 2007, p. 48).

A estrangeira reforça um discurso, porque o mesmo culmina seus interesses. E, no final deste romance, de forma indireta e até contraditória, Mrs. Oswald consegue se livrar da moça e presencia a escolha de Guiomar, que foi de uma esperteza admirável. Tudo acaba bem, inclusive a baronesa, que acolhe o pedido da afilhada, realizando esta um casamento fora dos padrões, mas que será bem sucedido, em que ela ficará bem amparada.

4. As diferenças entre as criadas nas obras de Molière e Machado de Assis

Comparando as duas criadas, que são as referências para este trabalho, pode-se enfatizar que as características divergentes entre Nieta e Mrs. Oswald são reveladoras das condições históricas de cada época e por outro lado justificam, sob o enfoque da teoria literária, o desenvolvimento do enredo, em que elas não são as protagonistas, mas acompanham as personagens

principais com a intenção de ajudá-las, mas nunca de tomar seus lugares.

Nieta, uma jovem de vinte e sete anos, de nacionalidade francesa, tem uma visão geral sobre todas as personagens da casa, mas é humilde frente ao tratamento agressivo do patrão. Porém, apesar de aceitar e até gostar dos tratamentos grosseiros proferidos por Argan, ela responde com a mesma volúpia

Argan: Cadela! Você quer...

Nieta: Ah!

Argan: Quê! Ainda vou ter de abdicar do prazer de te insultar?

Nieta: Pode xingar o quanto quiser, eu gosto [...]. (MOLIÈRE, 2008, p. 31).

Diferente da primeira criada que é insultada, Mrs. Oswald é uma senhora de meia-idade, britânica e, mesmo sendo irônica, conserva uma relação de muita formalidade, cuidando sempre de ser agradável com as moradoras da casa, principalmente com Guiomar, tratando-a com título de nobreza.

- Viva a minha rainha da Inglaterra! – exclamou Mrs. Oswald quando a viu assomar a porta da saleta.

E Guiomar sorriu com tanta satisfação e gozo ao ouvir-lhe essa saudação familiar [...]. (ASSIS, 2012, p. 32).

De novo na peça teatral, também é necessário salientar que Nieta era simples, mas mantinha uma ótima relação principalmente com Angelique, a filha mais velha de Argan, que tinha Nieta como confidente e depositava nela toda confiança.

Angelique: Reconheço que não me canso de falar dele, e que meu

coração se aproveita calorosamente de cada momento para se abrir com você. Mas me diga Nieta, você condena os sentimentos que tenho por ele?

Nieta: tenho lá meus cuidados [...]. (MOLIÈRE, 2008, p. 33).

Já a relação de Mrs. Oswald e Guiomar no romance **A mão e a luva** não eram nem amigável, nem natural, isso porque a criada, que era muito intelectual, mantinha certos costumes e um comportamento de extrema individualidade, porém muito fina ao tratar as pessoas da casa e dedicada em preservar sua postura e seus conhecimentos. Como no diálogo abaixo se observa que Guiomar deixava bem claro que a governanta, Mrs. Oswald, tinha costume de ler para se entreter no período da manhã, que era hora do banho de sol da baronesa, no qual esta requeria atenção de uma acompanhante.

- Por que não me mandou chamar?

- Estava talvez a dormir, ou entretida com seu Walter Scott...

- Milton – emendou gravemente a inglesa-; esta manhã foi dedicada a Milton. Que imenso poeta dona Guiomar! (ASSIS, 2012, p. 29).

Em ambas as obras, os tipos de criadas analisadas estão avançados nos seus tempos, mas de atitudes completamente divergentes. Assim, recorreremos às teorias de Julia Kristeva, que propõe um rompimento na superfície do texto, ou seja, a quebra da linearidade histórica, e, através das práticas significantes, ou seja, dos vocábulos empregados naqueles tempos lerem uma história estratificada das significâncias: “a ciência do texto é uma condensação, no sentido analítico do termo, da prática

histórica - a ciência da figurabilidade da história”. (KRISTEVA, 1974, p. 26). Esta ciência implica na reflexão corrigida, mas considerando sempre o ponto de vista de sua produção, sua maturidade e sua forma. Desta maneira, podemos visualizar as duas criadas, cada uma com seus artifícios linguísticos, para alcançarem suas pretensões, sem desrespeitar as leis materialistas.

Então, Nieta, como símbolo da carnavalização, faz uso literalmente da máscara, para levar o patrão a reconhecer o abuso dos “bons” médicos que o serviam, mas apenas interessados na sua fortuna. E, neste caminho admirável, conseguia-se desatar as hierarquizações do regime feudal. No caso a criada parecia dotada “de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente” (BAKHTIN, 1993. p. 9), neste verdadeiro humanismo, desconsiderando valores feudais. Há também a ambivalência dessa personagem, que ao mesmo tempo arquitetava seus planos e os colocava em ação.

Cena 8 – Nieta, vestida de médico [...]

Nieta: Senhor receba com prazer essa minha visita e que eu vos ofereça meus pequenos serviços para todas as sangrias e purgações de que precisa... (MOLIÈRE, 2008, p. 35).

Entretanto, a outra criada, Mrs. Oswald, apesar de ter liberdade para se expressar e ouvir a afilhada da baronesa, Guiomar, ao contrário de Nieta, aquela faz planos, mas envolve o nome da madrinha para dar autoridade às suas

artimanhas. Assim no diálogo abaixo entre Mrs. Oswald e Guiomar fica claro, que a criada usa a conveniência de agradar a baronesa como pretexto para que a moça escolha o Jorge como seu futuro marido.

- Dona Guiomar – disse ela, pegando-lhe nas mãos – ninguém pode exigir que se case sem amar o noivo; seria na verdade uma afronta.

Mas o que lhe digo é que o amor que não existe por hora, pode vir mais tarde, e se vier, e se viesse seria uma grande fortuna...

- Mas acabe, acabe – interrompeu a moça com impaciência.

- Seria uma grande fortuna para a senhora, para ele ousar dizer que para mim, que os estimo e adoro, mas, sobretudo para a senhora baronesa.

- Como assim? – Disse Guiomar

Oh! Para ela seria a maior fortuna da vida, porque é hoje o seu mais entranhado e vivo desejo, o seu desejo verdadeiramente da alma [...].

- [...] Quando eu percebia a paixão do Senhor Jorge, falei nisso a sua madrinha, gracejando na intimidade que ela me permite, e a senhora baronesa, em vez de sorrir como eu esperava que fizesse, ficou alguns tempo pensativa e séria, até que rompeu nestas palavras: “Oh! Se Guiomar gostasse dele e viesse a casar-se eu seria completamente feliz. Não tenho hoje outra ambição na terra. Há de ser minha companha”.

- Minha madrinha disse isso? – perguntou Guiomar.

- Tal qual. [...] O amor nasce muita vez do costume. (ASSIS, 2012, pp. 66-67).

No entanto, mesmo com as argumentações de Mrs. Oswald e seu grande empenho em consolidar a vontade da baronesa, Machado de Assis revela que na escolha de Guiomar, a personagem não é um tipo estereotipado romântico, muito menos previsível, isto porque, estabelece um plano para a conquista de seu futuro companheiro não por amor, mas por interesse.

Neste romance, o autor:

[...] desmascara o mundo cor-de-rosa sugerido pelo romance romântico, onde o casamento era cura para todos os males e fiador da ordem social. Ao contrário, Machado vê o casamento como uma espécie de comércio ou pelo menos uma troca de favores. (LAJOLO, 1980, p. 100).

A citação anterior deixa claro que os propósitos de Guiomar ignoram as condições formais de seu tempo, no sentido em que ela escolhe seu parceiro por interesses pessoais, revelando a obra como realista.

Neste sentido, as características de “anti-heroínas” das serviçais, atravessam as vontades das noivas, mas as posturas de anjo não as deixam expressar suas verdadeiras opiniões, como no caso de Nieta, ao proferir para Beline que Angelique estaria melhor se seguisse a carreira religiosa, em vez de se casar.

Nieta: Ele nos disse que pretende dar a sua filha em casamento ao filho do Sr. Diáforus, eu respondi que acho o casamento vantajoso para ela, mas penso que ele fará melhor se a colocar num convento.

Beline: Não há grande mal nisso, e acho que ela tem razão. (MOLIÈRE, 2008, p. 49).

No exemplo citado fica evidente que a criada quer ganhar tempo com aquele casamento arranjado, pois acredita no amor verdadeiro e pretende realmente ajudar Angelique, a qual conta apenas com ajuda da criada, para reverter aquele ajuste social pretendido pelo pai.

Numa época de ceticismo e fé definhante, época marcada pela consciência difusa de perda e desordem, a intencional subversão da tradição heroica pode indicar uma iniciativa de recuperar ou reinventar significação. A avaliação negativa não prova renúncia ou assentimento. Uma ausência pode ser uma forma de presença. Dito de outro modo algumas das obras mais características escritas em oposição a modelos heroicos tradicionais podem perfeitamente refletir um impulso moral e espiritual, assim como uma tentativa de ajustar-se responsavelmente a novos contextos. (BROMBERT, 2001, p. 20).

Divergente do modo de agir de Nieta, a outra criada, Mrs. Oswald, não pensa realmente no bem de Guiomar, pretendendo que a moça seja feliz no casamento com o marido, que venha a ser de sua escolha. A governanta neste intento é bastante perversa e quer a qualquer custo que a moça escolha Jorge, que seria o marido ideal e o conveniente para ela.

[...] Mrs. Oswald [...]. Interpôs-se para servir aos outros e mais ainda a si própria. Viu a dificuldade, mas não desanimou, era preciso armar ao reconhecimento da baronesa. Por isso não hesitou em confirmar a Guiomar o desejo da madrinha,

exagerando-o, entretanto porque nunca a baronesa dissera que “tal casamento era a sua campanha” [...] Convém dizer, para dar o último traço ao perfil, que essa Mrs. Oswald não seguia só a voz do seu interesse pessoal, mas o impulso do próprio gênio [...] se houvesse uma diplomacia doméstica ou se criassem cargos para ela – Mrs. Oswald podia contar com um lugar de embaixatriz. (ASSIS, 2012, p. 83).

Fica evidente, que a inglesa não quer apenas agradar a baronesa. Ela realiza no seu discurso a intenção da reprodução social e, com este artifício de colocar palavras para engrandecer o desejo da madrinha, quer se beneficiar criando índices de valor, os quais se refletem na enunciação provocada pela sagaz serviçal.

Todos os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices sociais de valor, com pretensões ao consenso social e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico. (BAKHTIN, 2004, p. 45).

Por este caminho, a criada cria uma forma de repetir o compromisso social do casamento por interesse, o qual agradaria à madrinha. Porém, mesmo com seus argumentos na escolha de um repertório persuasivo, ela não contava com a determinação de Guiomar, que foi rápida e muito inteligente, arquitetando um meio de ser pedida em casamento por Luís Alves, sabendo que não seria contrariada, devido ao apreço de sua madrinha por sua felicidade.

Guiomar se garante com um instinto ambicioso e consegue contrariar a ordem social vigente, escolhendo a “luva”, que mais se adequaria aos seus anseios de prosperar ainda mais alto na vida.

5. As similaridades das serviçais nas obras de Molière e Machado de Assis

As duas obras ficcionais analisadas apresentam diferenças significativas, começando pelo gênero textual teatro, em que Molière é referência nas comédias francesas, enquanto Machado de Assis, no realismo brasileiro, prefere o romance, gênero em prosa. Embora também o tempo da produção esteja muito distante de uma obra para outra, elas apresentam aspectos convergentes, nos quais podemos detalhar a construção dos tipos serviçais, Nieta e Mrs. Oswald, as quais, coincidentemente, no universo imaginário mantêm alguns elementos comuns, mesmo com imprecisas ou confusas coincidências, ora por remissões, ora trazidas a um tempo mais moderno. Nos universos ficcionais ambas as personagens desestabilizam os protagonistas, sendo essa desordem provocada por elas determinante na fruição do enredo.

Nos espaços, ou seja, nos ambientes, esses eixos de análise são fundamentais no funcionamento das histórias. “A importância dos lugares: simples moldura, elemento determinante em diferentes momentos do desenrolar da história até mesmo para as personagens constantes”. (REUTER, 2007. p. 52). Então em ambos os textos, o ambiente requintado, onde pessoas importantes como médicos, advogados e outros são frequentadores, também justifica a presença das criadas e cada uma ao seu

estilo tem um conhecimento geral dos frequentadores destas casas e sabem dos comportamentos de todos os elementos, que participam na tessitura da ficção.

Outro aspecto, agora nas produções linguísticas de cada criada seria a ironia, com a qual as verdades são secretas e ocultas nas falas. Apesar de parecerem inferiores por ocuparem lugares de submissão dentro daqueles espaços de poderosos, as personagens, que estão sempre próximas, agem com falso rigor para conseguir seus objetivos.

Nessa atmosfera sombria, premonitória de maiores sublevações a perspectiva permanece restrita ao horizonte do homem insignificante. Longe de ser ingênua, esta perspectiva é fundamentalmente irônica, no sentido de que ironia, uma inadequação ou ignorância fingida, é a arte de dissimular e minimizar a fim de revelar. (BROMBERT, 2001, p. 114).

Concordando com os perfis de “anti-heróis” as duas mulheres, dentro dos textos ficcionais, guardam os segredos, em que suas forças e energias decorrem das suas aparentes fraquezas. Sobre ambas as personagens, astutas, controladoras, cabe o poder de escolha: do bem e do mal, do bom ou ruim, para os demais elementos das histórias.

Dentro desta perspectiva de aproximação na construção das duas obras, temos a relação tão estreita entre as criadas e seus patrões, que há claramente certa imitação das características destas subalternas, que vão ser imitadas ou usadas pelos protagonistas das ficções. No caso de Argan, que tem tanta intimidade com a criada que passa a falar como ela,

Estes cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos estabelecidos de antemão e sobrepostos (um letrado, o outro popular), mas como produtores de ligas culturais e intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns nos outros como nas ligas metálicas. (CHARTIER, 1990, pp. 56-57).

Há uma consonância, nos diálogos, de vocábulos de baixo nível e que representam a comicidade e a grande liberdade de expressão entre os dois.

No entanto, no romance, Guiomar passa tanto tempo em companhia de Mrs. Oswald que começa a agir como a inglesa, tanto na fala como principalmente nas atitudes. Assim, a jovem moça, uma “reles sedutora”, (MONTEIRO; LIMA, 2006, p. 104), surpreendendo o leitor agindo como uma mulher determinada e observadora, tal qual a inglesa, fazendo com que reine sua escolha, ou seja, causa estranhamento aos leitores: “estas pessoas comuns que encontramos nas primeiras folhas dos romances machadianos tornam-se absolutamente extraordinárias quando acabamos e fechamos o livro.” (LAJOLO, 1980, p. 100). Assim, a moça protegida e tão amada, torna-se individualista e, como sua criada, age conforme suas aspirações, de forma sagaz e inteligente.

6. Considerações finais

Ao final destas análises pudemos avaliar que as criadas são fundamentais para as obras abordadas e também extraordinárias como mulheres, determinadas, de personalidades tão marcantes e que aos poucos se verifica, ao longo da leitura, que outros núcleos passam a imitá-las nos seus

comportamentos e em seus modos de verbalizar seus pensamentos ou até em reprimi-los.

Ambas criadas estão bastante aquém de seus contextos e que, por aderirem às condições de subalternas, leais aos padrões, agem silenciosamente para encaminhar os fatos que trazem incômodos para outros moradores das casas. Inclusive os espaços têm a mesma significância, nos quais em ambos os textos comportam a presença e o trabalho destas servas. Neste ambiente de luxo e ostentações, as mesmas podem agir quase livremente, porque sabem que os padrões depositam nelas grande confiança. Então as duas personagens, cada uma na sua trajetória, são ativas e não extrapolam ou provocam diretamente as outras personagens. Ao contrário, agem de maneira individualizada, ou seja, cativam aquelas que podem ameaçar suas permanências nas casas ou são falsas, mas com bastante destreza acompanham sutilmente seus alvos, para não perderem o controle da situação. Podemos afirmar que ambas são manipuladoras e permitem ser humilhadas e até menosprezadas. No entanto, nestes comportamentos, estão resguardadas as admiráveis atitudes de nitidez e persuasão.

Verificamos que há diferenças e similaridades entre a bufona, Nieta, e a preceptora, Mrs. Oswald, porém, mesmo no gênero comédia ou no romance realista, as duas são reveladoras dentro das narrativas, envolvendo as outras personagens, sem causar barulho, mas deixando estilhaços de seus comportamentos e de suas identidades, que, para uma leitura no momento atual, refletem as inquietações sociais daquelas épocas, principalmente

neste trabalho, quanto aos casamentos arranjados, os quais nas duas obras, de formas diversas, são contornados. E as mudanças são referenciadas pelas criadas, logo, as que representam as classes mais desprivilegiadas, entretanto são dotadas por inteligência e requinte nas suas críticas. Por isso este artigo traz à luz estas personagens, que nesta interlocução não são as heroínas, mas que têm na humildade a relevância para romper o automatismo ou abalar convenções sociais e até históricas.

Referências

- ASSIS, M. **A mão e a luva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da universidade de Brasília, 1993.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BROMBERT, V. H. **Em louvor de anti-heróis**. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- GUALDA, L. C. Representações do feminino em *The turn of the Screw: a preceptora como anjo e monstro*. **Revista Signótica**, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/2843/o>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- KRISTEVA, J. **Introdução a Semanálise**. Tradução de Lucia Helena França. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LAJOLO, M. **Machado de Assis: literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- MOLIÈRE, (Jean-Baptiste Poquelin). **O doente imaginário / Le malade imaginaire**. Edição

Bilíngue. Tradução de Leandro Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MONTEIRO, M. C. **Figuras errantes na Época Vitoriana**: a preceptora, a prostituta e a louca. **Revista Brasil de Literatura**. Ano IV, 2002. Disponível em: <<http://ifilipe.tripod.com/conceição.html>>. Acesso em: 20 de Junho de 2013.

MONTEIRO, M. C; LIMA, T. M. O. **Entre o estético e o político**: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

PEREIRA, P. O gracioso e sua função nas óperas do judeu. **Revista Colóquio/Letras**, Fundação Caloust Gulbenkian, nº 84, Mar.1985. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=84&p=28&o=p>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

REUTER, Y. **Análise da narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Tradução de Mario Pontes. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

Recebido em 2013-07-29

Publicado em 2013-11-30